

Barbárie

Um retrato moral do Brasil contemporâneo não seria completo se ocultasse as graves ofensas aos direitos humanos por quem deveria protegê-los, os agentes da segurança pública. É a conclusão que se pode extrair do envolvimento corriqueiro de policiais, militares e civis, em atos de violência contra pessoas indefesas. A escalada da barbárie não está mais confinada aos espaços onde a delinquência despertou a ferocidade dos órgãos repressores, sobretudo nos antros do tráfico de drogas e no guetos de miséria das metrópoles.

Brasília, durante anos a salvo da degeneração do aparelho policial, já exhibe graves sintomas de contágio. Nem bem a população se refez do impacto causado pelo seqüestro de uma menina de doze anos, organizado por um oficial da Polícia Militar, sete soldados da instituição espancam brutalmente um menor. O garoto fugira do Centro de Atendimento da Juventude Especializado (Caje), juntamente com outros dois, e estava escondido embaixo de um carro.

As cenas colhidas por um cinegrafista amador e exibidas pela *TV Brasília* chocaram a população. Espancado de forma brutal durante oito minutos, o jovem ainda foi submetido a uma sessão de agressões no veículo em que seus algozes o levaram de volta ao Caje. Nenhuma explicação pode ser aceita para justificar a fúria da reação contra um menino indefeso, salvo a de que os agressores são bandidos fardados.

O episódio não deve ser examinado sob um foco capaz apenas de iluminar a cena dantes-

ca. Antes, é indispensável enxergá-lo na dimensão mais ampla dos fatores de ordem profissional e psicológica que induzem a demência policial. A vocação para o crime, como é notório, não se afirma de uma hora para outra. Segue um padrão de comportamento crescente. Vai dos pequenos gestos de agressividade até os atos temerários de ameaça à vida.

Portanto, não basta levar os delinquentes enquistados na PMDF aos tribunais, para serem processados e punidos nos limites da lei. Acima de tudo, a frequência dos crimes praticados por integrantes da corporação exige a realização de diagnóstico amplo.

Deseja-se reação em linha de autocritica apta a rever os critérios de seleção dos efetivos. E, também, aumentar os níveis de qualificação profissional, por meio de novos padrões didáticos de preparação técnica e de alternativas de treinamento constante. Não vale alegar que os resíduos de insatisfação salarial respondem, em alguns casos, por excessos na manutenção da segurança pública. A PM do Distrito Federal é uma das mais bem pagas do Brasil.

Argumentar com o fato de que maus elementos se encontram em todos os estratos sociais é justificativa capenga para a violência desencadeada por quem tem obrigação de contê-la. É indispensável identificar os marginais antes de aceitá-los nos quadros da polícia. O contrário disso é permitir que o horror homicida imposto por policiais militares à Favela Naval (São Paulo) e mostrado na tevê produza o efeito pedagógico de estimular atos da mesma insanidade. Como sugere o episódio aqui em foco.